

Professores homens nas primeiras etapas da educação básica: dilemas e enfrentamentos

Male teachers in primary schools: dilemmas and confrontations

Rosilane Kátia de Oliveira¹

Marlice de Oliveira e Nogueira²

Marco Antônio Torres³

Resumo: O artigo discute resultados de uma pesquisa realizada com pais professores homens da Educação Básica em cinco cidades mineiras. Primeiramente, realizamos um mapeamento da presença destes docentes nas escolas de educação básica nos municípios investigados, nas esferas municipais e estaduais, na Superintendência Regional de Ensino de Ouro Preto. Em seguida, cotejamos esses dados com a produção científica produzida nas duas últimas décadas sobre o tema, enfatizando os estudos que investigaram a presença masculina na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Os resultados indicam que o número de professores homens na docência aumenta à medida em que se avança no nível de ensino, comportamento estatístico também presente no conjunto dos docentes do país. A análise da produção científica demonstrou que os professores do sexo masculino, ao se inserirem nas primeiras etapas da educação básica, passam por dilemas e enfrentamentos para permanecer na profissão e, muitas vezes, são submetidos às provas de uma pretensa e idealizada “idoneidade” para serem aceitos pela comunidade escolar.

Palavras-chave: Professores homens; Docência; Educação de crianças.

Abstract: The article discusses the results of a survey conducted with male teachers parents in primary schools in five cities of Minas Gerais. First, we mapped the presence of these teachers in elementary schools in the investigated municipalities, at the municipal and state levels, at the Ouro Preto Regional Teaching Superintendence. Then we compare these data with the scientific production produced in the last two decades on the subject, emphasizing the studies that investigated the male presence in early childhood education and early years of elementary school. The results indicate that the number of male teachers in teaching increases as the level of education progresses, a statistical behavior also present in all teachers in the country. The data from the analysis of the scientific production showed that male teachers, when entering the school space, go through dilemmas and confrontations to stay in the profession and, often, are subjected to tests of an alleged and idealized “suitability” to be accepted by the teacher school community.

Keywords: Male teachers; Teaching; Children education.

1 Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Ouro Preto. Tem experiência na educação básica, lecionando em turmas de anos iniciais, educação infantil e coordenadora pedagógica em creche pública. Atualmente, trabalha como professora na prefeitura de Mariana, lecionando para turma dos anos iniciais.

2 Professora adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto. Pesquisadora do Núcleo de Estudos Sociedade, Família e Escola.

3 Professor adjunto do Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto.

Introdução

Este artigo analisa alguns dos resultados de uma pesquisa realizada com pais professores homens da Educação Básica em cinco cidades do estado de Minas Gerais: Mariana, Ouro Preto, Acaiaca, Diogo de Vasconcelos e Itabirito (OLIVEIRA, 2018; OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2019). O presente texto apresenta o mapeamento da presença de professores homens nas escolas de educação básica nestas cidades, nas esferas municipais e estaduais, apontando e discutindo a escassa presença masculina nos anos iniciais do ensino fundamental e na educação infantil. Os resultados do mapeamento realizado na região são cotejados com a produção científica produzida nas duas últimas décadas sobre o tema, dando ênfase aos estudos que investigaram a presença masculina na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

É possível dizer, conforme demonstrado pelo estudo exploratório realizado pelo Inep (2009), que a docência vem sendo exercida, majoritariamente, pelas mulheres. No entanto, esse estudo também evidenciou que “[...] a cada etapa do ensino regular amplia-se a participação dos homens, que representam 8,8% nos anos iniciais do ensino fundamental, 25,6% nos anos finais e chegam a 35,6% no ensino médio [...]” (BRASIL, 2009, p. 22). Sendo assim, percebe-se que a presença de homens atuando na docência ainda acontece de forma bastante tímida nos primeiros níveis da escolarização - educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Nesse preâmbulo, o baixo percentual de professores homens em atuação na docência com crianças pequenas pode estar ligado a fatores sociais, econômicos e culturais que, historicamente, contribuíram para o desinteresse deles pela carreira docente.

Duas questões, derivadas desta suposição, podem ser colocadas para reflexão: de que modos esse fenômeno impacta a educação das crianças, e o que revela esta distribuição de corpos docentes na educação infantil?

Louro (1997) elucida essa questão destacando que os padres jesuítas foram os mestres que inauguraram a escola no Brasil no início dos tempos modernos. Porém, com o passar dos tempos, especialmente no século XIX, o cenário educacional foi se modificando, e os homens se deslocaram da educação para outras profissões, o que possibilitou a presença significativa das mulheres nesse campo, cujo fenômeno foi denominado de “feminização do magistério” (LOURO, 1997).

Louro (1997) lembra que, para compreendermos o fenômeno da feminização do magistério, é preciso refletir sobre as mudanças no mundo do trabalho, naquele período, ocasionadas pela industrialização e urbanização que possibilitaram a emergência de novos grupos sociais. Assim, surgiram novas oportunidades em outros postos de trabalho, o que pode ter contribuído para o esvaziamento masculino das salas de aula na educação elementar. Desse modo, “o magistério se tornará, neste contexto, uma atividade *permitida* e, após muitas polêmicas, *indicada* para mulheres, na medida em que a própria atividade passa por um processo de ressignificação” (LOURO, 1997, p. 95).

E, aos poucos, foram crescendo os argumentos em favor da participação das mulheres na instrução associada ao seu papel na educação dos filhos e das filhas, o que influenciou o “caráter do magistério – inicialmente impondo a necessidade de professoras mulheres e, posteriormente, favorecendo a feminização da docência” (LOURO, 1997, p. 96). Esses discursos de uma docência feminina se fortaleceram ao se juntarem às correntes teóricas da Psicologia que nasceram naquele período, o que possibilitou que a educação de crianças fosse percebida como uma continuação da maternidade. A docência, vista como um trabalho que exige cuidado, amor, doação - elementos que supostamente contribuiriam para a aprendizagem das crianças -, passa a se vincular estreitamente às representações sociais sobre o feminino (LOURO, 1997).

É nesse contexto de caracterização e transformação do Magistério, a partir de um forte discurso sobre as “habilidades femininas” socialmente fundadas, que as instituições de formação profissional recebem grande número de mulheres e “constituem a *verdadeira carreira* das mulheres” (LOURO, 1997, p. 96), ou seja, o magistério passou a ser compreendido como uma profissão feminina. Assim, em relação às mulheres, outras atividades profissionais seriam consideradas “um desvio dessas funções sociais, *a menos que* possa ser representada de forma a se ajustar a elas” (LOURO, 1997, p. 96). Neste sentido, se as mulheres possuem as habilidades consideradas inatas para lidar com as crianças no ambiente escolar, quando professores homens optam pela carreira do magistério, estariam eles “fora do lugar”? (CARDOSO, 2007, p. 16).

Vianna (2002) esclarece que o binarismo entre os sexos define o que é ser homem ou mulher na sociedade. Essa oposição interfere no pensamento em relação às atribuições femininas e masculinas. A autora cita, como exemplo, que o cuidado é visto como um atributo essencialmente feminino. Dentre as várias atividades profissionais relacionadas ao cuidado, Vianna (2002) destaca a docência na educação infantil, a enfermagem, o cuidar de crianças pequenas, dentre outras. Vianna (2018), em suas análises mais recentes, sinaliza como essa oposição se desenhou nas políticas públicas da educação nas últimas décadas. Para essa autora, precisamos considerar que a emergência do debate de gênero e das sexualidades na educação nunca foi fácil, mas nas agendas dos governos Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, importantes articulações realizadas no âmbito político e social permitiram análises como as de nossa pesquisa.

Retomando as discussões de Louro (1997), Dermatini e Antunes (1993) corroboram com as premissas da autora ao mostrarem, em sua pesquisa, a trajetória profissional histórica de professores homens e mulheres, e como eles e elas ascenderam na carreira docente. As autoras deixam claro que, se a profissão é, historicamente, feminina, no entanto, a carreira é masculina. E com base nessa perspectiva, Louro (1997, p. 89) afirma que “a escola é atravessada pelos gêneros; é impossível pensar sobre a instituição sem que se lance mão das construções sociais e culturais de masculino e feminino”. Nesse contexto, conforme Louro (1997), é possível dizer que, mesmo que a presença das mulheres seja majoritária nos estabelecimentos de ensino, elas estão ocupando espaços marcados, historicamente e socialmente, pela ótica masculina. Sendo assim, com esses apontamentos feitos por Louro (1997) e Dermatini e Antunes (1993), podemos supor que a configuração sócio-histórica da docência está ligada a fatores políticos, sociais e culturais que se perpetuaram e influenciam, ainda hoje, a divisão sexual do trabalho na sociedade.

Destaca-se ainda que a produção de Louro (2001), acerca da categoria gênero, ganhou grande destaque na educação, sobretudo com as articulações que ela fez com os trabalhos de Judith Butler (2003), principalmente, ao tomar a noção de heteronormatividade como analisadora da norma de gênero. Essa se caracteriza pelo dimorfismo sexual, pela heterossexualidade compulsória e pelo privilégio do masculino. A heteronormatividade se caracteriza por uma organização da vida e do pensamento que produz uma certa distribuição dos corpos na sociedade a partir do marcador sexo. Assim, os lugares destinados aos professores homens, na educação, estariam relacionados aos privilégios da masculinidade, ou seja, as posições mais valorizadas e mais bem remuneradas são mais facilmente alcançadas por eles do que pelas mulheres. Assim, a baixa valorização e remuneração docente, principalmente no âmbito das primeiras etapas da educação básica, podem estar relacionadas ao quantitativo de professores homens neste contexto.

Diante do exposto, o texto que segue está dividido em duas partes. Primeiro, apresentaremos os resultados do estudo sobre a presença de professores homens em atuação na educação básica nas cinco cidades investigadas, obtidos por meio de pesquisa nos bancos de dados do Educacenso. Em seguida,

cotejaremos estes resultados com o levantamento bibliográfico sobre a temática professores homens em exercício na Educação Básica, discutindo sobre as categorias e resultados que se destacaram nos estudos realizados com esses profissionais na docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. E, por fim, as considerações finais fecham a discussão do trabalho buscando compreender a atuação de professores homens na educação de crianças.

Professores homens na região pesquisada: onde estão e o que fazem

O levantamento que será apresentado foi obtido por meio de uma investigação no banco de dados da 25ª Superintendência Regional de Ensino de Ouro Preto (SRE-OP), em 2016. A origem dos dados foi o Educacenso⁴. Com base nos dados do levantamento, vemos abaixo o número total de professores do sexo masculino que estavam atuando em cada nível de ensino:

Tabela 1 - Professores do sexo masculino em atuação na educação básica na SRE-OP⁵

Município	Educação Infantil (0 a 3 anos)	Educação Infantil (4-5 anos)	Ensino Fund. I	Ensino Fund. II	Ensino Médio	Total de professores
Mariana	1	2	70	231	149	453
Ouro Preto	8	4	49	225	165	451
Acaiaca	0	0	1	0	4	5
Diogo de Vasconcelos	0	0	7	15	18	40
Itabirito	0	1	59	114	87	261
Total	9	7	186	585	423	1.210

Fonte: Tabela organizada pelos autores com base nos dados de 2016 obtidos pela SRE-OP

Considerando a Tabela 1, nota-se que o número de professores homens, na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na região, era bastante reduzido aumentando na medida em que avançavam os níveis de ensino, fenômeno também evidenciado no estudo exploratório realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2009. No entanto, é preciso ressaltar que no Ensino Médio, por exemplo, nas cidades de Mariana, Ouro Preto e Itabirito, a presença de professores homens neste segmento de ensino é menor em relação ao número de professores nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Levanta-se como hipótese que esse fator pode estar ligado ao menor número de estabelecimentos de ensino que ofertam o Ensino Médio em cada cidade em relação à oferta escolar dos Anos Finais do Ensino Fundamental. Em relação ao número de professoras em atuação na região observamos:

4 O Educacenso é um sistema informatizado de levantamento de dados do Censo Escolar organizado pelo INEP-MEC.

5 De acordo com os dados obtidos na SRE-OP, não foi possível inferir se um mesmo professor atua em mais de um nível de ensino, e se foram contabilizados mais de uma vez.

Tabela 2 - Professores do sexo feminino em atuação na educação básica na SRE-OP

Município	Educação Infantil (0 a 3 anos)	Educação Infantil (4-5 anos)	Ensino Fund. I	Ensino Fund. II	Ensino Médio	Total
Mariana	110	75	333	622	230	1.370
Ouro Preto	165	112	350	590	221	1.438
Acaiaca	11	13	19	79	37	159
Diogo de Vasconcelos	2	6	22	57	35	122
Itabirito	55	84	172	223	107	641
Total	343	290	896	1.571	630	3.730

Fonte: Tabela organizada pelos autores com base nos dados de 2016 obtidos pela SRE-OP

Ao analisarmos as Tabelas 1 e 2, percebemos a presença predominante das mulheres em todos os níveis de ensino da Educação Básica nas cidades investigadas, e ainda mais intensificada nos primeiros anos de escolarização. Essa realidade educacional também foi evidenciada nas pesquisas realizadas no Brasil por Gatti e Barreto (2009) e Oliveira e Vieira (2010).

Em referência à localização – zona urbana ou rural – e a rede de ensino em que os professores do sexo masculino estavam trabalhando temos:

Tabela 3 - Localização e rede de ensino de atuação dos professores do sexo masculino na SRE-OP

Município	Rede municipal	Rede estadual	Zona rural	Zona urbana	Total de professores
Mariana	175	278	114	339	453
Ouro Preto	184	267	3	448	451
Acaiaca	1	4	0	5	5
Diogo de Vasconcelos	7	33	1	39	40
Itabirito	113	148	0	261	261
Total	480	730	118	1.092	1.210

Fonte: Tabela organizada pelos autores com base nos dados de 2016 obtidos pela SRE-OP

Nota-se, em todas as cidades, a presença maior dos docentes do sexo masculino na zona urbana e com atuação profissional na rede estadual de ensino. Com relação aos dados relativos à localização e rede de ensino das professoras vemos o seguinte:

Tabela 4 - Localização e rede de ensino de atuação dos professores do sexo feminino na SRE-OP

Município	Rede municipal	Rede estadual	Zona rural	Zona urbana	Total
Mariana	865	505	344	1.026	1.370
Ouro Preto	931	507	40	1.398	1.438
Acaiaca	43	116	8	151	159
Diogo de Vasconcelos	30	92	15	107	122
Itabirito	390	251	14	627	641
Total	2.259	1.471	421	3.309	3.730

Fonte: Tabela organizada pelos autores com base nos dados de 2016 obtidos pela SRE-OP

Observamos que as professoras em atuação também estavam presentes em número maior na área urbana. No entanto, se compararmos o número de professoras e professores que trabalhavam na zona rural, vemos que a presença das mulheres era maior nessa área do que a dos professores do sexo masculino, o que não parece novidade, pois as mulheres estavam em maior número nas duas redes pesquisadas. Em relação à rede de atuação, nas cidades de Acaiaca e Diogo de Vasconcelos, a maioria das professoras está em atuação na rede estadual, assim como nos dados levantados dos professores do sexo masculino. Nas demais cidades, Mariana, Ouro Preto e Itabirito, o número de professoras que atuavam na rede municipal é maior do que na rede estadual. Ressalta-se um movimento contrário quando analisamos os dados referentes aos professores homens, pois eles estão em maior número em todos os municípios, na rede estadual de ensino.

Isso exposto, outro dado obtido no levantamento realizado na SRE-OP diz respeito à etapa da Educação Básica na qual os professores atuavam profissionalmente. Apresentaremos os dados referentes ao número total dos docentes homens sem formação em nível superior específica para a docência:

Tabela 5 - Professores do sexo masculino atuantes na Educação Básica na SRE-OP sem formação específica de nível superior

Município	Educação Infantil (0 a 3 anos)	Educação Infantil (4-5 anos)	Ensino Fund. I	Ensino Fund. II	Ensino Médio	Total
Mariana	0	0	0	5	2	7
Ouro Preto	5	0	2	0	0	7
Acaiaca	0	0	0	0	3	3
Diogo de Vasconcelos	0	0	1	0	0	1
Itabirito	0	0	5	3	3	11
Total	5	0	8	8	8	29

Fonte: Tabela organizada pelos autores com base nos dados de 2016 obtidos pela SRE-OP

Ao observarmos a Tabela 5, dada a presença dos homens nos segmentos de ensino como demonstrado na Tabela 1, percebemos que a cidade que possuía mais docentes do sexo masculino sem curso superior era Itabirito. Do total desses docentes que estavam trabalhando na Educação Básica no ano de 2016, nos cinco municípios investigados, vemos que 29 docentes ainda não tinham formação superior específica para exercer a função. Em relação à formação profissional das professoras, temos:

Tabela 6 - Professores do sexo feminino atuantes na Educação Básica na SRE-OP sem formação específica de nível superior

Município	Educação Infantil (0 a 3 anos)	Educação Infantil (4-5 anos)	Ensino Fund. I	Ensino Fund. II	Ensino Médio	Total
Mariana	62	7	11	1	5	86
Ouro Preto	103	20	29	8	0	160
Acaiaca	7	11	0	1	0	19
Diogo de Vasconcelos	1	5	12	0	0	18
Itabirito	31	2	14	11	2	60
Total	204	45	66	21	7	343

Fonte: Tabela organizada pelos autores com base nos dados de 2016 obtidos pela SRE-OP

Ao analisarmos a Tabela 6, vemos muitas docentes do sexo feminino sem formação superior

específica para atuar na Educação Básica (12,7%). Mesmo com a presença majoritária delas em todos os níveis de ensino, percebemos que ainda havia um número considerável de professoras sem formação superior específica quando comparadas aos professores do sexo masculino (2,3%). Notamos também, nos segmentos da Educação Infantil (0-3 anos e 4-5 anos), a maior presença de professoras sem formação superior específica em relação aos demais níveis de ensino.

No Ensino Médio, observamos nos dados das Tabelas 5 e 6, que a presença de professores/as sem formação adequada para o exercício docente era menor do que nos primeiros níveis de escolarização. Assim sendo, esse dado evidenciado na região pesquisada é consonante aos apontamentos de Gatti e Barreto (2009) que afirmam que o Ensino Médio se apresenta como um nível de ensino com um corpo docente mais qualificado com formação em nível superior. Nesse contexto, essa realidade educacional encontrada nas cinco cidades estudadas não é um fenômeno que ocorre somente nesses municípios, e tem sido também observada em outras pesquisas realizadas no Brasil, como as de Oliveira e Vieira (2010), Gatti; Barreto (2009) e Brasil (2009). Neste aspecto, nota-se que as orientações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº. 9.394/96) que, em seu artigo 62, recomenda a formação mínima em curso superior para o exercício da docência na educação básica, ainda não se concretizaram em todos os estados brasileiros, pois ainda existem professores/as exercendo a função docente sem formação superior adequada para tal função.

Retomando os primeiros dados apresentados, vimos que a presença de professores homens atuando na educação infantil era bastante restrita na região (N=16), e que, quando se refere aos anos iniciais, este número era bem mais expressivo (N=186), embora representasse apenas 17% do total de docentes atuando neste nível de ensino. Essa discrepância entre o número de mulheres e homens exercendo a docência na educação infantil e ensino fundamental pode ser explicada, historicamente, pela feminização do magistério, como vimos brevemente na primeira parte deste texto. Também uma menor qualificação dos docentes nas etapas iniciais pode indicar uma desvalorização histórica das séries iniciais, tendo nelas a maior presença de mulheres. Assim, a heteronormatividade, ao privilegiar o masculino, propicia que lugares mais valorizados na educação possam ser ocupados por docentes homens.

No entanto, outras dimensões da vivência da docência masculina na educação de crianças também podem contribuir para explicar outros aspectos desse fenômeno. Como os professores homens vivenciam a docência na educação de crianças? Que experiências profissionais e pessoais possibilitam que eles permaneçam na profissão ou interrompam suas carreiras? Estudos têm sido desenvolvidos nas últimas duas décadas para responder (ao menos em parte) estas questões e nos levam a refletir sobre as condições materiais e, principalmente, simbólicas de trabalho dos professores homens, e os desafios enfrentados para permanecer na profissão. A seguir apresentaremos os principais resultados destes estudos, discutindo estes dilemas e enfrentamentos.

Professores homens e a educação de crianças: entre escolhas e imperativos da vida

A partir do levantamento bibliográfico dos trabalhos que tinham como foco a vivência da docência de professores homens da educação básica, observou-se que a maior parte dos estudos tratavam da docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, etapas de ensino em que a profissão docente é, majoritariamente, exercida por mulheres. Optamos por discutir alguns elementos

mais presentes neste conjunto de estudos tais como a escolha da profissão, o processo de entrada na carreira docente e a construção da identidade dos professores homens na docência da Educação Básica.

Vimos anteriormente que, conforme Louro (1997), as mulheres foram, paulatinamente, ocupando as salas de aula e, em decorrência, a atividade docente passou a ser vista como, essencialmente, feminina. Não obstante, mesmo com todas as discussões sobre a feminização do Magistério e com a associação da docência aos atributos femininos, é preciso considerar que, independentemente de os professores homens estarem em número reduzido quando comparados às mulheres, eles também optaram pela carreira docente, e vários fatores possibilitaram a sua inserção na profissão. Sendo assim, pergunta-se: de algum modo, ao se inserirem na educação escolar de crianças, os homens professores produzem resistências à heteronormatividade? A resposta a essa questão pode ser dúbia no campo de pesquisa. Se por um lado, pesquisas como a de Monteiro e Altmann (2014) mostram análises em que a presença de homens poderia indicar produções do masculino que contestam a heteronormatividade, outras pesquisas analisam que a presença masculina, nas séries iniciais, poderia reforçar padrões de orientação heterônoma, como veremos a seguir.

Em pesquisas realizadas por Rabelo (2009; 2010) com professores que atuavam na Educação Básica em Aveiro (Portugal) e no Rio de Janeiro (Brasil), obteve-se como resultado que a escolha da profissão docente estava ligada a fatores intrínsecos (subjetivos), como o gostar de crianças, de ser professor, desejo de transformar a sociedade, e a fatores extrínsecos (objetivos), como a necessidade de emprego, a facilidade de ingressar no mercado de trabalho e de ascender na carreira, e a estabilidade no emprego. Além disso, a pesquisadora destaca que a maioria dos sujeitos participantes de sua pesquisa, nos dois países, teve a maior motivação para a inserção na profissão docente associada aos fatores intrínsecos, sendo que o fator mais citado pelos investigados foi o gosto pela profissão, e o “gostar de crianças” apareceu como segunda razão.

Já Monteiro e Altmann (2013; 2014) demonstraram, no âmbito da sua pesquisa, que os motivos que contribuíram para a inserção de professores homens na profissão docente estavam ligados à busca de ascensão na carreira por meio da ocupação de cargos na gestão, de experiências de ensino e aprendizagem, e pela influência da família e de seus professores.

Tanto em Rabelo (2009; 2010) quanto em Monteiro e Altman (2013; 2014), ressalta-se uma pluralidade de fatores que influenciaram a escolha profissional dos professores por eles investigados, embora a escolha estivesse mais ligada aos fatores intrínsecos, segundo os pesquisadores.

No entanto, outras pesquisas demonstraram o maior peso dos fatores motivacionais extrínsecos na escolha profissional dos professores homens. A pesquisa de Alves (2012), por sua vez, realizada na cidade de Fortaleza-CE com professores regentes na Educação Infantil, constatou que a escolha profissional estava relacionada, principalmente, a fatores extrínsecos como: “falta de opção, empregabilidade, opção mais acessível, estabilidade e acesso mais rápido ao mercado de trabalho” (ALVES, 2012, p. 82). De modo similar, Ferreira (2008) demonstrou que, em uma cidade do interior de Paraíba, no município de Coxixola, os professores do sexo masculino que educavam crianças pequenas em escolas rurais, em detrimento das poucas oportunidades de emprego e devido ao pagamento de um salário⁶ atrativo para os profissionais da Educação, optaram pela carreira docente. Sendo assim, o autor sublinha que o percentual de professores homens trabalhando no Magistério infantil no município de Coxixola pode ser considerado significativo⁷,

6 Conforme os discursos dos/as professores/as, Coxixola é um município que tem uma remuneração atrativa para os profissionais que trabalham na Educação, o que torna a docência uma atividade profissional mais cobiçada. O salário é um fator de estímulo à profissão docente (FERREIRA, 2008).

7 O fato da presença de professores homens em exercício docente no município de Coxixola ser expressivo não implica que

e que as chances de uma criança ter um professor homem no início de sua escolarização eram maiores.

No bojo dessa discussão, Sayão (2005), ao investigar a opção de professores homens pela docência na Educação Infantil em Florianópolis-SC, pondera que a escolha para trabalhar com crianças pequenas aconteceu por acaso para a maioria de seus entrevistados. Essas escolhas também foram mescladas pela forte necessidade de emprego e pelo desejo de ser professor.

Nessa mesma linha, Pereira (2012), ao discutir a inserção de professores homens na Educação Infantil, relata que a escolha profissional estava ligada à carência de outras opções de trabalho. Esse fator é similar aos dados obtidos por Eugenio (2010) nas análises das narrativas de quatro professores. Outro fator também mencionado por Pereira (2012) é o acesso a um serviço público com vistas à efetivação no cargo de professor de Educação Infantil e à garantia de estabilidade profissional.

Além das pesquisas citadas, também Jaeger e Jacques (2017), ao pesquisarem a relação entre masculinidades e educação infantil, chegaram à conclusão de que os professores homens sofrem com a normalização feminina da profissão. Essas pesquisadoras, orientadas pelos Estudos de Gênero, entrevistaram três docentes homens da educação infantil, no Rio Grande do Sul. Todavia a posição desses professores indicou formas de resistência em que se articulam múltiplas formas de masculinidades possíveis.

Em síntese, percebemos que, conforme os estudos citados, as motivações que levaram os professores homens a se inserirem na carreira docente estavam ligadas a vários fatores, tanto intrínsecos (subjetivos) quanto extrínsecos (objetivos), no entanto, destaca-se que as relações que esses fatores estabelecem com a heteronormatividade não podem ser tomadas como lineares, pois dependerão do modo como esses elementos se articulam em cada contexto. Ademais, se, por um lado, identificamos as motivações que levaram os professores homens a optar pela docência, torna-se essencial que conheçamos, a partir dos estudos, como ocorreu a entrada desses profissionais no espaço escolar.

A entrada dos professores homens no espaço escolar

A entrada de professores homens na escola é um momento em que se descortinam algumas questões que merecem ser discutidas, principalmente, em relação aos professores iniciantes na carreira docente, e que nos auxiliam a compreender as nuances dessa inserção.

Conforme Sayão (2005), a chegada dos professores homens na Educação Infantil é comumente marcada por um “ritual de passagem” que, muitas vezes, demarca a continuidade ou não do docente na profissão. A autora destaca que, geralmente, os professores são designados pela diretora da escola para trabalharem com turmas de crianças mais novas, como no berçário, ou com turmas consideradas mais “difíceis” em termos de disciplina e comportamento. Nesse contexto, Sayão (2005) esclarece que a conquista de um lugar na escola pelos docentes ocorre após passarem e superarem as dificuldades intrínsecas ao “ritual de passagem” a eles imposto, por meio do qual eles passam a ser aceitos por toda a comunidade escolar, após darem provas de suas competências e habilidades para o desenvolvimento do trabalho com as crianças pequenas.

o percentual deles em atuação seja maior se comparado ao número de mulheres, pois existia uma escola no município. Em levantamento realizado por Ferreira (2008), sobre a presença de professores/as na educação de crianças pequenas em alguns municípios paraibanos, o autor constatou a presença significativa das mulheres na docência, sendo que, em Coxixola, o percentual de homens trabalhando foi maior, 33,3%.

Nessa mesma linha, Ramos (2011) desenvolveu uma pesquisa com professores da Educação Infantil nas redes públicas em Belo Horizonte-MG. Segundo o autor, os professores vivenciaram, no início de sua carreira, um período chamado de “comprobatório”. Esse período era o tempo necessário para os docentes se adaptarem ao espaço da instituição, ou seja, o tempo despendido pelos professores homens para comprovarem sua competência e habilidades no cuidado com as crianças, principalmente, aquelas que estavam na faixa etária de 0 a 3 anos e do sexo feminino. E ressalta que, todos os profissionais “passaram pelo crivo das demais profissionais das instituições – ênfase, todas do sexo feminino – e pelo olhar vigilante e avaliativo das famílias das crianças” (RAMOS, 2011, p. 32).

Ainda nessa perspectiva, Ramos (2011) esclarece que quando os professores homens de sua pesquisa tomaram posse nos seus respectivos cargos na Educação Infantil, foram, imediatamente, conduzidos para outras funções, possibilitando que os docentes estivessem, constantemente, sob a vigilância de outros profissionais. Assim, eles eram designados para a “função de professor do apoio, na função de professor responsável pela ‘Educação Física’, pelas oficinas de Artes, de Informática ou qualquer outra linguagem nas quais existissem menor demanda de cuidados e de toques físicos” (RAMOS, 2011, p. 100). Se houvesse necessidade de o professor assumir a regência em uma turma, ele era também encaminhado para trabalhar com turmas de crianças maiores na faixa etária de 3 a 5 anos de idade (RAMOS, 2011).

Diante disso, observamos, a partir dos dados demonstrados nas pesquisas de Sayão (2005) e Ramos (2011), que a chegada dos professores homens no espaço escolar produz um olhar de estranhamento e, de modo especial, quando eles ainda não são conhecidos pela comunidade escolar, pois a presença de professores homens na Educação Infantil é alvo de questionamentos na escola e, muitas vezes, coloca em xeque a identidade sexual do profissional (RAMOS, 2011). Nesse aspecto, é possível considerar os efeitos da heteronormatividade na distribuição dos corpos docentes no espaço da escola. Ao colocar em xeque a identidade sexual do profissional se reitera o binarismo de gênero, reforçando a educação infantil como lugar do feminino. Por outro lado, a resistência dos docentes homens pode colocar em xeque os padrões binários ao apresentarem múltiplas formas da masculinidade, como apontam Jaeger e Jacques (2017).

Na pesquisa de Alves (2012), os professores entrevistados não necessitaram passar por um estágio em que eles precisariam comprovar sua competência e habilidades com as crianças, como demonstrou Sayão (2005) e Ramos (2011). Segundo a pesquisadora, os próprios professores homens desenvolviam um controle bastante rígido sobre si mesmos, pois para desenvolver seu trabalho na Educação Infantil, estavam sempre vigilantes, porque sabiam que a escola exigiria deles um modelo padrão de comportamento. Sendo assim, o estudo indica que esses docentes precisam “submeter-se a subterfúgios e formas variadas de controle que objetivam reduzir o contato físico entre eles e as crianças, especialmente às vistas de pessoas estranhas que estejam na escola ou de pais e mães de alunos” (ALVES, 2012, p. 88).

Na perspectiva de Alves (2012), pode-se afirmar que somente quando os professores homens disciplinavam seus corpos é que eles eram “permitidos” a participar do contexto da Educação Infantil – sendo o disciplinamento do corpo masculino uma forma de conseguir a aceitação do grupo no ambiente escolar. Isso significa que “os professores precisam aprender a cantar, a acalantar as crianças, a cuidar de seus alunos com carinho, atitudes socialmente atribuídas a mulheres” (ALVES, 2012, p. 87). Percebe-se, então, a visão arraigada de que a profissão docente é mais adequada para as mulheres, pois acredita-se que elas possuem as habilidades necessárias para educar as crianças, ao mesmo tempo em que se reitera o binarismo de gênero definindo uma fixidez de funções para homens e mulheres no exercício da docência.

É por isso que, para os homens, ao trabalharem com as crianças, torna-se imprescindível “aprenderem” tais habilidades como requisitos essenciais para serem inseridos no ambiente de trabalho.

Não obstante, um professor homem trabalhar na educação de crianças é percebido como algo que não está dentro dos “padrões de normalidade”, ou seja, está “fora do lugar” (CARDOSO, 2007, p. 16), e é por isso que, muitas vezes, eles passam pelo olhar vigilante de outros profissionais, principalmente, quando nos referimos ao segmento da Educação Infantil, e, para demarcar sua continuidade ou não na profissão, é preciso passar por um estágio comprobatório (RAMOS, 2011) ou por um ritual de passagem (SAYÃO, 2005), o que não ocorre com as mulheres quando se inserem na profissão docente.

Inserção dos professores homens na escola: temor e resistência da equipe escolar e das famílias

A presença de professores homens trabalhando na educação de crianças pequenas, principalmente no segmento da Educação Infantil, produz, segundo os resultados de alguns estudos, sentimentos de estranhamento por parte da comunidade escolar (RAMOS, 2011; PEREIRA, 2012, por ex.). Nesse sentido, conhecer quem é o professor homem que está na escola desenvolvendo seu trabalho contribui para sua aceitação e integração no espaço escolar (SOUSA; 2011; RAMOS; 2011). Muitas vezes, esse estranhamento pode ocorrer mesmo antes do exercício da profissão, sendo evidenciado já na formação inicial dos professores homens (ALVES, 2012).

De acordo com Rabelo (2013, p. 913), os homens que escolhem carreiras típicas do sexo feminino raramente são retratados pelo discurso sociocultural e, “quando isso acontece, eles são representados de maneira extremamente estereotipada, por exemplo, associados à homossexualidade, à pedofilia e/ou à falta de jeito, tal como aparece inclusive em filmes”. Do mesmo modo, os discursos que circundam em relação aos professores homens, levantam a suspeição de que eles podem ser pedófilos e colocam em xeque a identidade sexual, aspectos evidenciados nos relatos da comunidade escolar e das famílias em pesquisas realizadas por Fonseca (2011) e por Sousa (2011).

Sayão (2005) corrobora com essa discussão e destaca evidências sobre os juízos morais atribuídos pelas famílias das crianças e pelos colegas de profissão que levantavam suspeitas de homossexualidade, perversão, preconceitos sobre a índole dos professores investigados e outros estigmas. Dessa forma, os professores necessitavam dar provas de serem “homens com ‘H’ “maiúsculo”, objetivando, assim, reforçar sua masculinidade (SAYÃO, 2005, p. 260).

Fonseca (2011), ao discutir a inserção de professores homens na educação básica, evidencia que esses profissionais têm suas atitudes e comportamentos dentro do espaço escolar autolimitadas e cerceadas e que, provavelmente, esse forte controle sobre si mesmos visa uma melhor aceitação no ambiente de trabalho. Os professores homens desenvolvem comportamentos de vigilância e de disciplinarização dos seus corpos, evitando, assim, o enquadramento aos discursos produzidos sobre a presença deles nos Anos Iniciais, como exemplo, a suspeita de pedofilia (FONSECA, 2011).

Nesta esteira, Souza (2010) afirma que, no que se refere às questões relativas ao cuidado com o corpo das crianças, a decisão utilizada pela direção, e aceita por toda equipe profissional da creche que ela investigou, foi a de afastar um professor do sexo masculino das atividades com as meninas, para evitar, assim, conflitos com as famílias, e “tranquilizar” os pais e mães.

Ramos (2011), ao discutir a percepção da comunidade escolar em relação a presença de professores homens na Educação Infantil, apontou a existência de sentimentos de desconfiança em relação ao trabalho de um professor considerado desconhecido, o que evidenciava também a necessidade da passagem do professor pelo período comprobatório e de comprovar a sua boa índole. Quanto às famílias dos alunos, Ramos (2011) afirma que os pais entrevistados demonstravam uma radical negação em relação aos profissionais homens, principalmente quando não os conheciam previamente. Essa avaliação negativa estava mais ligada à proteção da criança e ao temor da pedofilia (RAMOS, 2011). Diferentemente, “todas as mães avaliaram como positiva a presença do homem na docência com crianças, até mesmo reivindicaram o ingresso de mais professores do sexo masculino” (RAMOS, 2011, p. 115). Por outro lado, a presença de professores homens na escola possibilita o surgimento de novas relações de poder. Uma delas é a emergência de um poder disciplinar, conforme apontado por Fonseca (2011), presente nos discursos dos professores/as e gestores/as entrevistados, para os quais a presença masculina facilitaria o exercício da autoridade com as crianças. Desse modo, o poder disciplinar implica disciplina/controle do professor em relação aos alunos dentro da sala de aula, principalmente, para as turmas que apresentassem “problemas” de disciplina. Portanto, “construídos como homens, podem estar organizados a partir das relações de gêneros de nossa sociedade que atribui aos homens mais poder do que as mulheres” (FONSECA, 2011, p. 54). Assim, pelo simples fato de serem homens, na percepção das professoras, os homens professores podem exercer a autoridade com mais austeridade do que as mulheres e podem disciplinar com êxito os alunos (FONSECA, 2011).

Em síntese, os resultados dos trabalhos apresentados indicam que os professores homens, que trabalham na educação de crianças, enfrentam preconceitos, têm sua sexualidade colocada em suspeição, como também são vistos, muitas vezes, como pedófilos. E, ainda, alguns professores homens, em sua prática docente, modelam seu comportamento para que sejam reconhecidos no espaço escolar. Retomando Louro (1997; 2001) e Dermatini e Antunes (1993) e Vianna (2002), os fatores culturais, históricos e sociais que constituíram a função docente nas séries iniciais produziram obstáculos para a inserção de professores homens nesse contexto. Ainda que reconheçamos alterações no campo com avanços da discussão de gênero nas políticas públicas da Educação, como aponta Vianna (2018), eles ainda não são suficientes para reverter o contexto da docência masculina na educação de crianças evidenciado pelas pesquisas.

Nesse quadro, diante das representações acerca dos professores homens na docência e das provas de idoneidade, que, muitas vezes, são deles exigidas para demarcar sua continuidade na profissão, como eles constroem sua identidade docente?

Professores homens na docência e sua construção identitária

De acordo com Cardoso, Batista e Graça (2016, p. 374), a identidade profissional é “um processo que se desenvolve durante toda a vida do indivíduo e que sofre influências internas e externas na interação com o outro”. Como já discutido, os professores homens, ao se inserirem na docência nas primeiras etapas da educação básica, passam por dilemas e enfrentamentos para se manterem na profissão. Desse modo, alguns estudos, tais como Silva (2006), Cardoso (2007), Pereira (2012) e Araújo (2015) auxiliam-nos na compreensão de como os professores homens constroem sua identidade na profissão.

Pereira (2012) desenvolveu sua pesquisa com cinco professores que exerciam a docência na rede municipal de ensino da cidade de Guarulhos-SP. A partir das histórias de vida dos entrevistados, a autora

destacou que a formação acadêmica em serviço, a reflexão dos professores no espaço escolar, o estudo, a troca de experiências e a convivência com outros/as professores/as são elementos que contribuíam para a construção da identidade dos professores.

Nessa mesma linha, a constituição da identidade profissional de um professor homem em exercício em creche, tema investigado por Souza (2010), se deu a partir das vivências e experiências com os outros profissionais da instituição e da busca do professor em atender às expectativas das famílias no que concerne às condutas desenvolvidas com as crianças no cotidiano da escola, e que, em sua percepção, eram consideradas mais adequadas para o desenvolvimento de um trabalho com crianças. Os dados obtidos por Souza (2010) também demonstraram que o fato do professor entrevistado ser pai contribuía para definir o papel do professor na Educação Infantil e facilitava a relação dele com os alunos.

Por sua vez, Silva (2006) investigou três professores homens que trabalhavam numa rede municipal de Divinópolis-MG, nos anos iniciais. A partir das histórias orais e das observações desses professores no ambiente de trabalho, Silva (2006) construiu e reconstruiu as histórias de vidas dos inquiridos de sua pesquisa e demonstrou como as suas masculinidades eram construídas na relação com os/as alunos/as e com a equipe da escola. Após discutir densamente sobre as trajetórias pessoais e profissionais dos três professores, Silva (2006) destaca que a construção corporal dos docentes é um processo complexo e contínuo, marcado pelas vivências e relações estabelecidas com as famílias, crianças, professores e com outros sujeitos que passaram pelo percurso de suas vidas.

De modo similar, Araújo (2015) realizou sua pesquisa com um professor atuante nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma escola pública na cidade de Paraíba-PI. Por meio da aplicação de entrevista narrativa com o professor, a pesquisadora chegou a três núcleos de significação. No primeiro deles, Araújo (2015) esclarece que as zonas de sentidos produzidas evidenciaram que ser professor desvenda um dilema na escolha pela profissão docente ancorado na objetividade e na subjetividade. Segundo Araújo, o professor sentia a necessidade de associar a profissão tanto à ideia de dom quanto ao reconhecimento das suas condições materiais e históricas. Além disso, os relatos do professor indicam uma forte influência da família, pois “as vivências de uma infância rodeada pelas irmãs professoras podem ter contribuído de alguma forma para a sua escolha profissional” (ARAÚJO, 2015, p. 149).

No segundo Núcleo de Significações, Araújo (2015) mostra que as zonas de sentidos produzidas pelo professor se baseavam nas relações interpessoais vivenciadas por ele no cotidiano de suas práticas. A amizade e a confiança prevaleciam na relação do professor com os alunos, as alunas e suas famílias, e interferiam no desenvolvimento do bem-estar e no estado afetivo em relação à profissão docente. Nesse contexto, segundo Araújo (2015), o professor “conquistando a amizade e a confiança dos/as alunos/as, consegue realizar um bom trabalho sem prejudicar o desempenho curricular deles. Esses resultados geram sentimentos de conquista e de realização que o motivam a prosseguir na docência” (ARAÚJO, 2015, p. 150).

A análise do terceiro Núcleo de Significações revelou que “às vezes, a condição de ser sujeito do sexo masculino prevalece sobre a condição de ser sujeito com formação específica para atuar nesse nível de ensino” (ARAÚJO, 2015, p. 134). O professor se identificava como um sujeito singular e se sentia capaz de ter um posicionamento positivo ou negativo frente aos papéis que a sociedade determinava como sendo apropriados aos docentes que atuam com crianças pequenas.

Em síntese, Araújo (2015) ressalta que as zonas de sentidos produzidas pelo professor indicam uma significação da profissão docente como uma tarefa em que o “amor” e o afeto são cruciais para o

exercício da docência, deixando para um segundo plano de suas significações, a formação profissional dos/as professores/as e as questões de gênero. As relações de amizade e confiança estabelecidas pelo professor determinavam seu modo de sentir, pensar e agir, e expressavam sua identidade na personagem de um professor amigo e conselheiro.

Ainda, em relação à construção identitária, Cardoso (2007) desenvolveu sua pesquisa com professores homens que trabalhavam com crianças de 6 a 8 anos na rede municipal de Belo Horizonte-MG, em 2004. Segundo o autor, os relatos indicam que professores homens não identificavam a docência com crianças pequenas como uma profissão feminina, e que as questões de gênero estavam representadas de forma desigual em relação às professoras. Desse modo, a maioria dos homens sempre se colocou em posição vantajosa, e se considerava independente das mulheres para desempenhar sua função. Outro apontamento feito por Cardoso (2007) refere-se às maiores oportunidades que os professores homens tinham de ascensão na carreira, pois segundo os relatos, eles tinham facilidade de migrar da sala de aula para outras funções da escola, tais como cargos administrativos e de chefia/gestão. Em suma, Cardoso (2007, p. 15-16) conclui que

a construção da identidade dos professores pesquisados é marcada pela presença (ou pela ausência) dos homens no Magistério. É preciso considerar que os diversos discursos e as diversas imagens sobre os professores homens que circulam em nossa sociedade, historicamente construídas, norteiam as diferentes experiências desses sujeitos nas escolas em que trabalham.

Assim, os significados de masculinidades e feminilidades atribuídos à docência medeiam os sentidos e os significados dos professores homens, pois são vários os estereótipos que surgem sobre os homens e as mulheres. Para as mulheres, são atribuídas características como dóceis, afetivas e relacionais e, para os homens, militaristas, racionais e agressivos (VIANNA, 2002) e, conseqüentemente, essas representações podem interferir nas experiências vivenciadas pelos professores homens no ambiente escolar. Esse quadro pode ter influenciado, quando em interface com as condições salariais pouco atrativas da profissão docente, os resultados numéricos sobre os professores homens na região pesquisada, discutidos na primeira parte deste artigo.

Considerações finais

A partir do levantamento de dados na SRE-OP, podemos concluir que a presença dos professores homens trabalhando na educação de crianças pequenas (educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental) é escassa, quando comparada ao percentual das mulheres nestas etapas de ensino. Além disso, constata-se, por meio dos dados dos cinco municípios estudados, que o número de professores homens na docência aumenta à medida em que se avança no nível de ensino, comportamento estatístico também evidenciado nos estudos que utilizaram os dados oficiais do INEP.

Diante das pesquisas apresentadas neste artigo, podemos inferir que certo desinteresse pela docência nas etapas iniciais da educação básica e as dificuldades encontradas no trabalho profissional com crianças pequenas podem estar relacionados à múltiplos fatores, históricos e culturais, mas também sociais e econômicos, em que a profissão passa a ser eminentemente direcionada a atributos femininos, perpetuando-se este imaginário até os dias atuais. Todo este contexto parece, então, reforçar a heteronormatividade, que se caracteriza por formas de uma organização da vida e do pensamento, produzindo uma “certa” distribuição desigual dos corpos docentes no ambiente escolar.

Nesse sentido, os breves dados ora apresentados em interface com a revisão da produção científica sobre a vivência de professores homens na docência auxiliam-nos na compreensão das nuances da ausência como também das formas de inserção e de experiências dos docentes atuantes. No entorno dessas questões, pergunta-se: os homens que optam pela carreira docente e estando em um universo feminino, como desenvolvem seu trabalho? Como ocorre a sua inserção no espaço escolar?

Os resultados das pesquisas desenvolvidas, nas últimas décadas, com professores homens que atuavam na docência nas primeiras etapas da educação básica demonstraram que estes ao se inserirem nas instituições escolares passavam por dilemas e enfrentamentos para permanecer na profissão e, muitas vezes, eram submetidos às provas de uma pretensa e idealizada “idoneidade” para serem aceitos pela comunidade escolar, o que não acontece quando as mulheres assumem a docência nestas etapas de ensino.

Assim, esses profissionais necessitavam, por vezes, passar por determinadas circunstâncias no seu ambiente de trabalho, ou seja, eles eram impelidos à diversas situações avaliativas para que assim pudessem provar sua “competência” e desenvolver as atividades, principalmente, na educação infantil. Em virtude disso, os docentes do sexo masculino, continuamente, buscavam manter o controle de si mesmos e mudavam seu comportamento, possivelmente, para que fossem aceitos nas instituições. Isso denota que, de forma implícita, eles incorporaram o padrão de condutas heterônomas e estavam sempre atentos às suas práticas. Dessa maneira, é perceptível, a luz dos estudos realizados com esses profissionais, que a atuação dos professores homens na docência com crianças pequenas produz e revela um olhar de estranhamento por parte da comunidade escolar, atravessado por preconceitos e estereótipos do masculino e do feminino produzidos histórica e culturalmente pela sociedade.

À guisa de uma provisória conclusão, é possível inferir que as condições materiais e simbólicas vivenciadas pelos professores homens ao se inserirem na profissão docente, em interface com a histórica e perversa associação da docência a atributos femininos, são dimensões que interferem na escolha dos homens pela carreira docente, principalmente, nas primeiras etapas de escolarização – educação infantil e anos iniciais -, e que podem se constituir como elementos internos e complexos da edificação das multifacetadas desigualdades veladas (por vezes, explicitadas) e “naturalizadas”, em torno das masculinidades e feminilidades, no espaço social.

Referências

- ALVES, B. F. A experiência vivida de professores do sexo masculino na educação infantil: uma questão de gênero? 2012. 119f. **Dissertação** (Mestrado Acadêmico em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2012.
- ARAÚJO, L. C. “O essencial é invisível aos olhos”: significações que medeiam a constituição da identidade do professor homem. 2015. 179 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.
- BRASIL. **Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos resultados do Censo Escolar da Educação Básica 2007**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília: INEP, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/estudoprofessor.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.
- BRASIL. **Lei nº. 9.394**, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 8. ed. Brasília, DF: Edições Câmara, 2013.

- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARDOSO, F. A. Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30, 2007, Caxambu. **Anais da ANPED...**, GT 23, ANPED, 2007.
- CARDOSO, M. I. T.; BATISTA, P. M. F.; GRAÇA, A. B. S. A identidade do professor: desafios colocados pela globalização. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 65, p. 371-390, abr./jun. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Vw69wTZHyrdtMRqfzCLSPnm/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- DERMATINI, Z. de B. F.; ANTUNES, F. F. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cad. Pesq**, São Paulo, n. 86, p. 5-14, ago. 1993. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/934/939>>. Acesso em: 20 jun. 2017.
- EUGÊNIO, B. G. Narrativas de professores homens no magistério dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. FAZENDO GÊNERO, DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 9, Santa Catarina, **Anais...**, p. 1-9, 23 a 26 de agosto de 2010.
- FERREIRA, J. L. Homens ensinando crianças: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na Escola Rural. 2008. 153 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.
- FONSECA, T. S. M. Quem é o professor homem dos Anos Iniciais? Discursos, representações e relações de gênero. 2011. 142 f. **Dissertação** (Mestrado Acadêmico em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.
- GATTI, B. A.; BARRETO, E. S. de S. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: Unesco, 2009. 285 p. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2019/04/Professores-do-Brasil-impasses-e-desafios.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- JAEGER, A. A.; JACQUES, K. Masculinidades e docência na educação infantil. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 545-570, maio-agosto, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/M9qfpLxghJxZPF7qxKDG59n/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2019.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. 179 p.
- LOURO, G. L. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estud. Fem**, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/64NPxWpgVkt9BXvLXvTvHMr/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 15 jun. 2019.
- MONTEIRO, M. K.; ALTMANN, H. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, n. 153, p. 720-741, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/RLTGrW43VVJqGZPpr3Qdk5p/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2019.
- MONTEIRO, M. K.; ALTMANN, H. Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 36, 2013, Goiânia, **Anais da ANPED...**, GT 23 ANPED, 2013.
- OLIVEIRA, D.; VIEIRA, L. **Pesquisa trabalho docente na educação básica no Brasil**. Sinopse do *survey* nacional. Universidade Federal de Minas Gerais, Grupos de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente. Belo Horizonte, 2010. 88 p. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/SinopseSurveyNacional_TDEBB_Gestrado.pdf>. Acesso em: 25 set. 2017.
- OLIVEIRA, R. K. de. Entre a casa e a escola: práticas educativas familiares de pais professores homens. 2018. 277fl. **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Ouro Preto, 2018.

OLIVEIRA, R. K. de.; NOGUEIRA, M. de O. e. Pais professores homens e o acompanhamento da vida escolar dos filhos. **Cad. Pesqui.** n. 49 (174) Oct-Dec 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053146641>>.

PEREIRA, M. A. B. Professor-homem na Educação Infantil: a construção de uma identidade. 2012. 160 f. **Dissertação** (Mestrado Acadêmico em Educação e Saúde na Infância e Adolescência) – Programa de Pós-graduação em Educação e Saúde na Infância e Adolescência, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2012.

RABELO, A. O. Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do Ensino Fundamental. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 4, p. 907-925, out./dez. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/Dtq3VcvnZTKnkLvSjkbwQ6r/?lang=pt>>. Acesso em: 25 set. 2017.

RABELO, A. Os professores do sexo masculino no ensino “primário”: um “corpo estranho” no cotidiano das escolas públicas do Rio de Janeiro (Brasil) e de Aveiro (Portugal). **Revista Brasileira Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 90, n. 226, p. 636-649, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/979>>. Acesso em: 25 set. 2017.

RABELO, A. Professores homens nas Séries Iniciais: escolha profissional e mal-estar docente. **Educação e Realidade**, v. 35, n. 2, p. 279-298, maio/ago. 2010. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoe realidade/article/view/8198/9481>>. Acesso em: 25 set. 2017.

RAMOS, J. Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte-MG. 2011. 140 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SAYÃO, D. T. Relações de gênero e trabalho docente na Educação Infantil: um estudo de professores em creche. 2005. 274 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, W. L. da. Homens na roda: vivências e interações corporais nas séries iniciais da Educação Básica. 2006. 338 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SOUSA, J. E. de. Por acaso existem homens professores de Educação Infantil? Dois estudos de caso em representações sociais. 2011. 208 f. **Dissertação** (Mestrado Acadêmico em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SOUZA, M, Í, de. Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais. 2010. 247 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências, Área: Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.

VIANNA, C. **Políticas de Educação, Gênero e Diversidade Sexual: Breve História de Lutas, Danos e Resistências**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

VIANNA, C. P. O sexo e o gênero da docência. **Cad. Pagu**, on-line, n. 17-18, p. 81-103, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/hQFDykQmWnPvj4TYTWYmKZb/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 05 out. 2017.